

Grupo de aldeia de Paraty-RJ visita Cristo Redentor

Indígenas ouviram mensagem do Padre Omar sobre a história da obra

Por Redação

Divulgação/Eletronuclear

Um grupo com 34 pessoas da aldeia Pataxó, em Paraty, município histórico localizado no interior do Estado do Rio, visitou o Cristo Redentor, na capital fluminense. A visitação faz parte do projeto batizado de “Cristo Redentor Experience”, da Eletronuclear - que opera as usinas nucleares do país - por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, conhecida como a Lei Rouanet.

O projeto, segundo a Eletronuclear, é muito mais do que uma simples visita ao ponto turístico. Durante a visita, os indígenas têm uma experiência além da simples visitação ao monumento. Eles conhecem as instalações do projeto social e recebem diversas informações que os visitantes pagantes que sobem ao Cristo não têm.

Nesta visita, realizada no dia 26, o grupo ouviu uma mensagem do Padre Omar, reitor do projeto, conheceram como funcionam as projeções que são realizadas no local e ouviram algumas curiosidades sobre a construção e manutenção da obra.

Para o cacique Leonardo Muniz, a visita é uma oportunidade única.

-Para nós, indígenas, é muito importante conhecer um pouco mais da história do Cristo Redentor. A Eletronuclear fez esse convite e aceitamos com muito carinho, para uma oportunidade que muitas pessoas não têm. Agora voltamos para nosso território com mais conhecimento, então fico muito feliz por estar vivenciando esse momento junto com meu povo - completou.

Os visitantes puderam tam-



Grupo de aldeia indígena de Paraty, na Costa Verde, visita Cristo Redentor, no Rio de Janeiro

bém tocar no Sagrado Coração de Jesus. De acordo com os guias, a tradição diz que todos que tocam na obra podem fazer um pedido, e Leonardo não perdeu a oportunidade. “Pedi que todos os povos indígenas tenham os seus territórios demarcados. Que todos consigam seguir suas tradições e nunca percam isso. Esse é o meu maior pedido, para que tudo dê certo na nossa família, no nosso povo e na nossa sociedade”, afirmou.

Alessandra Muniz visitou o Cristo pela primeira vez e não mediu palavras para dizer o quão impressionada ficou com o que viu. “Eu estava muito ansiosa para chegar. Eu só conhecia o Cristo pela televisão ou

em filme. Não imaginava que era tão lindo assim. A visita está 100% aprovada e vou falar para todos agora que tem que vir aqui conhecer, porque é maravilhoso”, disse.

A Mairy tem 15 anos e foi outra que só teve elogios ao que viu. “Eu gostei muito das explicações dos guias. Quando estamos subindo para o Cristo ela nos contou direitinho como foi construído, porque ele foi construído aqui e o que era pra ser. Eu gostei de tudo mesmo”, completou.

Projeto existe desde o ano passado

O projeto foi lançado em agosto de 2024 e tem como

objetivo oferecer aos visitantes que não teriam condições de pagar pela visita uma imersão interativa pela história do monumento, além de conhecê-lo pessoalmente.

Por meio de narrativas audiovisuais e sensoriais, o Cristo Redentor Experience permite explorar desde a concepção e construção do monumento até os desafios enfrentados ao longo de seus mais de 93 anos.

Grupos provenientes de projetos sociais, escolas públicas e privadas, movimentos culturais e iniciativas comunitárias são convidados a participar. Com transporte e visitas organizadas, os participantes têm a oportunidade de viven-

ciar o monumento como nunca antes, culminando em uma experiência sensorial, quando podem interagir com uma réplica do coração do monumento.

Grupo é originário da Bahia

Os Pataxós em Paraty representam um grupo indígena que se estabeleceu na região, originário da Bahia, e que busca preservar sua cultura e identidade. A aldeia “Iriri Kânã Pataxi Ûi Tanara”, localizada em Paraty, é um espaço onde realizam rituais, cantos, e produzem artesanato, além de protegerem o meio ambiente local. A presença Pataxó em Paraty reflete a história de luta e resistência

desse povo, que busca reconhecimento e respeito por sua cultura e território.

A aldeia “Iriri Kânã Pataxi Ûi Tanara” está localizada em uma área próxima à praia do Iriri, em Paraty. A comunidade Pataxó busca fortalecer a integração com a natureza e com seus ancestrais através de rituais, cantos e danças.

O artesanato produzido na aldeia, feito com materiais encontrados na natureza, é uma forma de expressão cultural e fonte de renda. A aldeia também realiza vivências abertas ao público, com rituais, cantos e danças, promovendo a troca cultural entre indígenas e não-indígenas.

Museu Nacional, no Rio, reabre para exposição sete anos após incêndio

Fernando Frazão/Agência Brasil

A partir de quarta-feira (2), o público poderá voltar ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, destruído por um grande incêndio em setembro de 2018. Após anos de obras de restauração, três espaços do palácio bicentenário serão reabertos para a exposição temporária Entre Gigantes: uma Experiência no Museu Nacional, que vai até o dia 31 de agosto.

Logo após a entrada, os visitantes poderão reencontrar o meteorito Bendegó, que faz parte do acervo do museu há 137 anos e que tornou um símbolo da resistência da instituição após a tragédia. A sala ao lado foi dedicada à história do museu e à reconstrução do palácio, com divulgação de detalhes da arquitetura do prédio e das obras de restauro, além da exposição de duas esculturas de mármore de Carrara que também resistiram ao fogo.

Já o pátio da escadaria principal traz uma novidade: o esqueleto de uma baleia cachalote com quase 16 metros de comprimento, recém-adquirido pelo museu e que parece nadar afixado ao teto. Quem visitar a exposição poderá ajudar a escolher o nome para a cachalote, que é o maior esqueleto em exi-



Ministro da Educação, Camilo Santana, visita exposição temporária “Entre Gigantes: uma experiência no Museu Nacional”

bição na América do Sul.

“A comunidade do museu trabalhou muito ao longo destes anos da reconstrução e tem resistido e se envolvido com a alma pra gente reabrir e continuar as nossas atividades. Pra gente é tudo muito importante, muito simbólico, e muito grande estar passando por este momento agora, porque é a soma de todos os esforços”, destacou a vice-diretora do museu, Andréa Costa.

Reconstrução do Museu

A reabertura parcial ocorre paralelamente à continuidade das obras de reconstrução do palácio histórico e da busca por financiamento. O orçamento total da obra é de R\$ 516,8 milhões. Do total, já foram captados R\$ 347,2 milhões com entes públicos e empresas privadas, sendo que a maior quantia – R\$ 100 milhões – foi

repassada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O ministro da Educação, Camilo Santana, garantiu nesta segunda-feira (30) que o restante da quantia necessária – quase R\$170 milhões – será levantado. Ele também confirmou negociações para que a Petrobras faça aportes. A estatal foi procurada para confirmar e dar mais informa-

ções, mas ainda não respondeu à reportagem.

“Em 2023, a gente tinha em torno de R\$ 2 milhões previstos do Ministério da Educação para o museu. Nós colocamos, se não me engano, R\$ 22 milhões. No ano passado, colocamos R\$ 30 milhões. Este ano já estão previstos R\$ 17 milhões. Então, nós vamos garantir, não tenho dúvida. É um compromisso do presidente [Luiz

Inácio Lula da Silva] garantir todos os recursos necessário e buscar nos parceiros, nos bancos públicos, no BNDES, na Petrobras, a conclusão dessa obra”, complementou Santana.

Até momento, já foram concluídas as restaurações de 75% das fachadas e 80% dos telhados, com a preservação das características originais do palácio, que foi residência da família real brasileira, antes de abrigar o museu. Neste momento, estão sendo feitas a reforma e a ampliação do prédio anexo ao palácio, o reforço estrutural de vãos e a consolidação de alvenarias, além da instalação de sistemas de proteção contra raios e de captação de águas da chuva, entre outros itens. O reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (instituição à qual o museu é subordinado), Roberto de Andrade Medronho, lembrou que a reabertura do palácio também representa um marco para as atividades de ensino e pesquisa: “Esse museu é um ícone nacional não só histórico e cultural, mas também científico. Nós formamos aqui pesquisadores para o Brasil inteiro e para o mundo e é uma instituição de reputação internacional.”